

ESTOQUE DE 700 TONELADAS

Látex está 'preso' no interior

Fotos: AC

PRESIDENTE DA COOPERATIVA DE SERINGUEIROS DENUNCIA FALTA DE APOIO PARA A COMERCIALIZAÇÃO DO PRODUTO

Os seringueiros do Rio Madeira, Juruá e Purus, que em setembro receberam o "kit seringueiro" do Governo do Estado, estão enfrentando um obstáculo inesperado: a produção de quase quatro meses de trabalho está estocada e não há qualquer perspectiva de que eles consigam transportá-la até Manacapuru (a 84 quilômetros de Manaus), onde está localizada a única usina beneficiadora de borracha do Amazonas. O presidente da Cooperativa Mista dos Seringueiros da Calha do Rio Purus, Adriano de Melo, se deslocou para Manaus em busca de uma solução para o problema, mas até o momento diz não ter conseguido sequer falar com um membro do Governo.

"O Governo distribuiu os kits mas não nos deu condições de comercialização do produto", reclama Melo. Segundo ele, o subsídio de R\$ 0,40 para cada quilo de borracha, aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado (ALE), também não saiu do papel. Melo diz que o combinado na época que a Lei do Incentivo à Borracha foi aprovada na ALE, era que a produção seria comprada através da cooperativa, que até hoje não viu a "cor" do capital de giro prometido. "Precisamos de R\$ 900 mil para comprar a produção estocada e dar início a mais uma etapa da borracha como



ROTINA A coleta do látex leva 10 horas de trabalho diário. Recompensa pelo esforço é esperada com ansiedade

um produto forte no Estado". O presidente da cooperativa destaca que o pedido de ajuda ao Governo não é "a fundo perdido ou de graça". A usina está de "boca aberta", segundo ele, esperando 700 toneladas de látex que estão guardadas dentro das casas dos seringueiros. Das 35 mil famílias do Estado que tem na extração da borracha uma atividade

em potencial, duas mil já estão trabalhando. Cerca de 500 famílias foram "financiadas" por comerciantes locais, que entregam os "kits seringueiros" e vão cobrando a dívida (em forma do produto extraído) aos poucos. As outras 1,5 mil famílias receberam o kit do Governo do Estado e, apesar de estarem passando dificuldades pela falta de

dinheiro, se recusam a negociar com os comerciantes locais por conta do preço oferecido para o quilo da borracha. Adriano de Melo conta que enquanto a usina localizada em Manacapuru compra o quilo por R\$ 1 (que deve ser acrescido dos R\$ 0,40 do subsídio governamental), os comerciantes locais oferecem R\$ 0,70 pela mesma quantidade.

O presidente da cooperativa conta que liga pelo menos duas vezes por semana para o Palácio do Governo mas ainda não conseguiu contato nem com o governador Amazonino Mendes nem com o vice, Samuel Hanan. "Só estamos querendo que se cumpra o que foi ventilado, prometido. As pessoas produziram e querem agora a contrapartida", desabafa.

Expectativa de receber

O trabalho de coleta do látex é feito em sistema de "corte e colhida". As 3h, os extrativistas se embrenham na floresta procurando as seringueiras, horas depois, dão início à "colhida". Chegam em casa por volta das 13h. Para os trabalhadores que viveram esta rotina nos últimos três meses, ver a produção se acumular sem esperança de vendê-la pelo preço combinado é revoltante. "As pessoas estão indignadas", conta Melo.

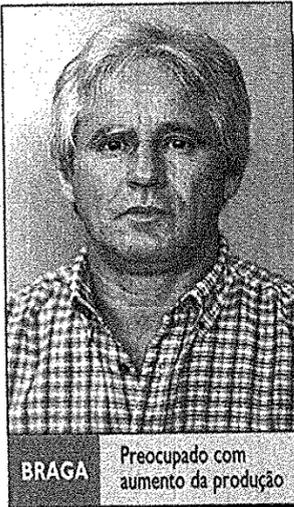
A Cooperativa Mista de Seringueiros foi criada para dar aos moradores do interior do Estado a opção de permanecer no local. Melo conta que a situação das pessoas que vivem no interior dos municípios mais distantes da capital do Amazonas não é fácil. Melo se recorda de uma viagem pelos rios de Pauini (a 935 quilômetros de Manaus) em busca de filiados para a cooperativa. Dos 99 que aceitaram fazer parte do projeto, apenas 23 sabiam como assinar o próprio nome. Apesar da maioria dessas pessoas não saber ler nem escrever, elas sabem que não é certo deixar de receber por um trabalho realizado.

Cada família que trabalha na extração de seringa (que no Amazonas é feita em seringais nativos), tem capacidade para produzir 500 quilos por safra. A coleta é feita apenas nos meses de verão (época mais seca do ano) pois quando chega o inverno, a chuva impede o recolhimento do látex (que pinga como leite dos cortes feitos nas árvores).

PROJETO DA COOPERATIVA

Usinas em locais estratégicos

A preocupação de Adriano de Melo aumenta quando ele lembra que o Governo do Estado se comprometeu a distribuir mais oito mil "kits seringueiro" no próximo ano. Cada kit custa em média R\$ 300 e é composto de duas facas, dois baldes, 2 terçados, uma poronga e 500 tigelas. Com 10 mil famílias equipadas trabalhando nos seringais, o Estado teria uma produção anual de 5 mil toneladas. O transporte da matéria-prima até Manacapuru, que hoje já é difícil, ficaria cada vez mais complicado. Saindo de Eirunepé (a 1.245 quilômetros de Manaus), por exemplo, a viagem leva 12 dias na época de cheia dos rios. A solução seria construir usinas de beneficiamento em municípios



BRAGA Preocupado com aumento da produção "estratégicos". O projeto inclusive já existe e está no Ministério do Meio Ambiente. A ideia é construir usinas em Eirunepé e Tapauá (a 450 quilômetros de Manaus) e depois passar a administração dos estabelecimentos para a cooperativa.

Projeto segue em 2002

O diretor técnico do Idam, Alfredo Pinheiro, confirmou os planos do Governo de dar continuidade, em 2002, à distribuição de kits para os seringueiros. Pinheiro revelou que os kits distribuídos em 2001 fazem parte de um programa piloto que será expandido para outros municípios. Lábrea, Manicoré e Eirunepé forma os primeiros a receberem os insumos. Quanto ao capital de giro para a cooperativa, Pinheiro disse que o assunto provavelmente está sendo

tratado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado, que tem um departamento específico para assuntos do tipo. A CRÍTICA tentou contato com a Secretaria durante toda a tarde de ontem, mas não obteve sucesso. O vice-governador do Amazonas, Samuel Hanan, confirmou que uma das reivindicações dos seringueiros, na época da aprovação da lei, era o capital de giro, mas não soube dizer se o assunto tinha tido algum desdobramento.

Chico foi exemplo

Xapuri, Acre. Parecia que o mundo inteiro era uma mata só. Até os confins do horizonte, copas de árvores, gaviões reais e o hábito pesado do sol. Aos 10 anos cortava seringas e produzia borracha com o pai. Entendia das folhas, dos bichos e dos cheiros, como todo bom membro do povo da floresta, mas não sabia escrever nem o nome, como todo pobre membro desse mesmo povo. Francisco Mendes Alves Filho fora alfabetizado quase na maioria por Euclides Távora, membro da Coluna Prestes que havia fugido da prisão em Fernando de Noronha e refugiado-se na Bolívia, tornando-se seringueiro mais tarde. Chico, pois, aprendeu a ler, a escrever e a perceber as injustiças sociais do mundo... fez-se homem da esquerda. Nos anos setenta, após mandato de vereador, liderou os movimentos

na consolidação dos sindicatos de trabalhadores rurais no Acre, freando os desmatamentos e as expulsões dos seringueiros provocadas por fazendeiros do Centro-sul do País, que aproveitavam-se dos incentivos fiscais do Governo militar na tentativa de ocupar a Amazônia. No dia 22 de dezembro de 1988, logo após completar 44 anos, o presidente do Conselho Nacional de Seringueiros (CNS), consultor do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, prêmio Global 500 da ONU em 1987 e Cidadão Honorário do Rio de Janeiro, Chico Mendes, homem da floresta e da esquerda, morre em sua própria morada, de peito aberto e transido de sangue e chumbo. Os assassinos, Darcy Alves e seu pai Darly, foram condenados a 30 anos de prisão. Xapuri, Acre. Parecia que o mundo inteiro era uma mata só.



LUTA Assassinado em 1988, seringalista era homem de esquerda

Divulgação